

## O encantado mundo de Beto Fonfom

Desde o distante mundo antigo, relacionado a nossa ocidentalização histórica social, cultural e religiosa (entre outras), as pessoas fora dos padrões comportamentais sempre foram mal compreendidas e sofreram diversos tipos de preconceitos verbais, às vezes manifestados em agressões físicas, muitas vezes indo ao óbito. O racionalismo e a vigência de leis e conceitos sempre tiveram dificuldades para compreender o homem na sua singularidade e modo de ser. Então, grilhões foram construídos contra os chamados anormais. Esse conceito se perde nas vielas da incompreensão humana a respeito do que somos, pensamos, agimos e interagimos com o mundo e conosco.

Nas cidades do interior do Brasil, mais especificamente no Nordeste, a versatilidade, a irreverência, a sabedoria da observação, o jeito criativo de sair das dificuldades, o fazer de conta que é bobo, são características e comportamentos que vemos em muitas pessoas. Isso tem alimentado a cultura artística e imortalizado personagens como seres antológicos da nossa historicidade sertaneja. É tanto que o escritor Ariano Suassuna ao consultar alguns folhetos de cordel, fez a adaptação do livro que escreveu, intitulado, O Auto da Compadecida que há muito tempo faz sucesso no teatro, na televisão e no cinema.

Pertencente à família de poetas, e mais especificamente de personagem irreverente, Beto, embora tímido, é bem diferente do seu parente de humor, conhecido popularmente como Mané Quelé, falecido no século passado. Apelidado de Beto Fonfom, devido a voz fanhosa, nasal, o citado sertanejo é pautado de um humor sutil, inteligente e cheio de nuances. À primeira vista, Beto quase não é percebido, pois sua maneira discreta de chegar aos lugares, de se comportar, ao invés de taxá-lo como somente tímido, para os amigos e amigas próximas, o interpretam como uma pessoa educada e discreta. Mas, quando ele percebe o acolhimento com afetuosidade manifesta seu humor de maneira cativante e muito brincalhão.

Natural de São José do Egito, Vale do Pajeú (Pernambuco), Beto é a poesia da inocência. Enquanto os vates e menestréis escrevem o cantam seus versos como uma maneira de exaltar o sertão, Beto tece no pano da vida uma escrita em que a bondade, a gentileza e o afeto são a sua poesia maior. Seu mundo é de um encantamento transbordante de generosidade e de desapego as coisas materiais. Se ele estiver em um ambiente onde a música e a poesia do sertão estão presentes, Beto se entrega de corpo e

alma, e fica parecido com uma criança quando começa a descobrir o mundo da linguagem e da locomoção. Mas, o que mais move Beto é o carnaval pernambucano. Na citada festa em que as máscaras de muita gente tida como “bem comportada” ou normal caem, para fazer o que querem, inclusive coisas que são caracterizadas como anormais, Beto, sendo ele, como sempre foi, não tira e nem bota máscaras, pois ele é a própria alegria do carnaval no quesito alegoria e a verdade da sua existência.

De espírito altamente carnavalesco Beto se torna mais menino do que é, e entra em êxtase brincante, assemelhando-se aos pierrôs que no sonho lírico de 04 dias devaneiam em busca das suas colombinas. Os confetes e as serpentinas são os olhos brilhantes de Beto no seu passo pequeno pelos clubes e avenidas do velho Recife. E não há nada que o faça parar e nem precisa de ninguém para viver a sua felicidade particular.

É percebendo e procurando interpretar o encantado mundo de Beto que me sinto mais humano e mais aberto para as coisas que possibilitam minha felicidade. Beto é um professor da vida, e a sua receita é fazer o que gosta de maneira simples, sem se preocupar que alguém o chame de anormal. O importante para ele é viver! Mas, essa disposição para fazer o que gosta não atropela a vida e o bem estar das pessoas. O sensível é a sua própria ética de viver de acordo com o seu coração.

*Gilmar Leite Ferreira*  
*Poeta e Professor da UFPB*